desleituras
Número 4
maio/jun. 2021

DORMENTE

Susan Blum

Volta e meia eu faço um texto baseado em alguma foto de um amigo. Hoje não é diferente.

Meu amigo Faisal postou uma foto que me inspirou e solicitei a permissão de usar a imagem para fazer a escrita.

Obrigada, Faisal. Espero que goste do conto que foi inspirado em sua foto.

1 Feliz Aniversário, querido amigo.



Foto: Faisal

— Nana nenê, que a Cuca vem pegar.
Se não nanar direito...

Com a trouxinha nos braços, o corpo no balanço cadenciado, a voz melancólica se repetia hora após hora.

Desde o parto ela só vivia no seu quarto, com o berço do nenê ao lado da cama.

A família até tentava fazer com que ela parasse um pouco.

Mas ao lado do berço de madeira, construído pelo próprio pai com o carinho de meses trabalhando a madeira bruta, ela permanecia.

Uma manhã acordou sobressaltada porque havia sonhado que seu nenê estava morto. Não viu o berço a seu lado e, apavorada, saiu correndo para o quarto do nenê. UFA. Lá estava ele.

Ela fez a trouxinha dentro do berço e a trouxe consigo cantarolando a música de sempre.

Sair? Não queria sem ele. O marido insistia, mas ela negava. Ou iam todos juntos ou ela ficava em casa (e abraçava com mais força a trouxinha em seu peito, como se fossem tirar à força). “Que vergonha mulher! Imagina a minha cara!”

Nada feito. Então ela permanecia em casa. Dor no peito, hora de dar de mamar. Leite retirado, hora de nanar o nenê. Era sempre a mesma música, desde sua gravidez de risco. Ela ficava acariciando sua barriga crescente e enquanto via o marido construindo o berço com aquela linda madeira, pensava na família verdadeira que estava construindo.

Toda a família (dele e dela) lhe dizia para deixar um pouco ele, sair, se divertir. Ela, revoltada, retrucava que jamais abandonaria seu bebê.

Um dia o marido cansou. Gritou com ela, chamando-a de louca. Levou o berço até o quintal. Ela gritava insanamente ao ver que ele jogava álcool e acendia o fósforo.

O berço estalava, dormente.